

<b>Público</b> Economia 13-06-2008	Periodicidade:	<b>Diário</b>	Temática:	<b>Sociedade</b>
	Classe:	<b>Informação Geral</b>	Dimensão:	<b>469 cm<sup>2</sup></b>
	Âmbito:	<b>Nacional</b>	Imagem:	<b>S/Cor</b>
	Tiragem:	<b>75000</b>	Página (s):	<b>19</b>

RUI GAUDÊNCIO



# Corrupção? Não, obrigado

**Paulo Morgado, administrador delegado da Capgemini, dedica-se, desde 2005, a combater um fenómeno que mina a sociedade portuguesa. Depois dos livros, segue-se a participação em debates**

• "Há uma altura na vida profissional, em que os nossos desafios passam a ser mais altruístas. Após uma carreira em que a minha imagem individual estava muito ligada à recuperação financeira de empresas, decidi envolver-me num desafio maior, o do combate à corrupção. É um fenómeno que mina o desenvolvimento equilibrado da sociedade. E eu não quero que os meus

filhos vivam num país em que há um fosso interminável entre os muito pobres e os muito ricos.

A minha dedicação a este tema começou em 2005, com a publicação do livro "Contos de colarinho branco", que alertava para o facto de haver formas de enriquecimento que era urgente controlar. Muitos casos do género vieram a público posteriormente.

Desde então, tenho participado de forma regular em conferências e debatido este fenómeno, tentando contribuir como um olhar diferente sobre a corrupção e as formas de a travar.

Se olharmos para o nosso país, vemos um esvaziamento de conteúdo completo na classe política. Os sindicatos estão caducos, porque continuam a ver o mundo como Marx, e a

elite empresarial é sempre a mesma e frequentemente instalada em monopólios. Não precisam de ser grandes cientistas para produzir resultados. Vivemos numa sociedade estagnada, que funciona, aparentemente, como um mercado, mas que não o é.

No meu dia-a-dia, já me deparei e deparei-me com situações de falta de transparência nos processos de

decisão. Não acredito, porém, que o boicote individual produza qualquer efeito. É preciso haver organização e cooperação.

No trabalho que desenvolvo, tento trazer para cima da mesa um conjunto de temas que configuram uma manei-





# HOJE PARA

## Corrupção? Não, obrigado

Paulo Morgado, administrador delegado da Capgemini, dedica-se, desde 2005, a combater um fenómeno que mina a sociedade portuguesa. Depois dos livros, segue-se a participação em debates

• "Há uma altura na vida profissional, em que os nossos desafios passam a ser mais altruístas. Após uma carreira em que a minha imagem individual estava muito ligada à recuperação financeira de empresas, decidi envolver-me num desafio maior, o do combate à corrupção. É um fenómeno que mina o desenvolvimento equilibrado da sociedade. E eu não quero que os meus filhos vivam num país em que há um fosso interminável entre os muito pobres e os muito ricos."

A minha dedicação a este tema começou em 2005, com a publicação do livro "Contos de colarinho branco", que alertava para o facto de haver formas de enriquecimento que era urgente controlar. Muitos casos do género vieram a público posteriormente. Desde então, tenho participado de forma regular em conferências e debatido este fenómeno, tentando contribuir como um olhar diferente sobre a corrupção e as formas de a travar.

Se olharmos para o nosso país, vemos um esvaziamento de conteúdo completo na classe política. Os sín-

dicatos estão caducos, porque continuam a ver o mundo como Marx, e a elite empresarial é sempre a mesma e frequentemente instalada em monopólios. Não precisam de ser grandes cientistas para produzir resultados. Vivemos numa sociedade estagnada, que funciona, aparentemente, como um mercado, mas que não o é. No meu dia-a-dia, já me deparei e deparo-me com situações de falta de transparência nos processos de decisão. Não acredito, porém, que o boicote individual produza qualquer efeito. É preciso haver organização e cooperação.

No trabalho que desenvolvo, tento trazer para cima da mesa um conjunto de temas que configuram uma manei-

*"Não quero que os meus filhos vivam num país em que há um fosso interminável entre os muito pobres e os muito ricos"*

ra diferente de encarar a corrupção.

Escrever livros é perda de tempo. A questão agora é perceber quem são as instituições que vão obrigar o mercado, especialmente o Estado, a ser mais transparentes. É que a corrupção só se faz com a participação do sector público, que continua a agir com pouca transparência, por exemplo, na divulgação de informações que deveriam estar acessíveis de forma regular.

Apesar da minha dedicação, sinto que não há grandes mudanças. O tema estava e está ainda muito trancado no combate através do sistema judicial, que também está caduco. Sinto, pelo menos, que tenho conseguido dar uma imagem de independência à Capgemini. Não entramos em sistemas de contrapartidas, não temos padrinhos que nos abençoem e o que ganhamos parte do mérito. E isso é um activo pelo qual alguns estão dispostos a pagar."

Depoimento recolhido por Raquel Almeida Correia

### Paulo Morgado

**Cargo**  
Administrador-delegado da Capgemini Portugal

**Idade**  
44 anos

**Formação**  
Licenciaturas em Gestão de Empresas e em Direito, pela Universidade Católica Portuguesa

**Razão profissional**  
Antes de aceitar o convite para liderar a Capgemini, há cinco anos, ocupava a posição de vice-presidente, desde 2001. No currículo, constam ainda experiências na área financeira, enquanto subdirector do Banco Finantia, e de grande consumo, enquanto administrador e director-geral da Vidago Melgaço e da Pedras Salgadas. Pelo caminho, publicou livros sobre técnicas de negociação e sobre corrupção.

### Capgemini Portugal

**Sector**  
Consultoria, tecnologia e "outsourcing"

**Data de fundação**  
1967 (chegou a Portugal em 1977)

**Volume de negócios nacional (2007)**  
30 milhões de euros

**Volume de negócios global (2007)**  
8,7 mil milhões de euros

**Colaboradores**  
450

<b>Público</b> Economia 13-06-2008	Periodicidade:	<b>Diário</b>	Temática:	<b>Sociedade</b>
	Classe:	<b>Informação Geral</b>	Dimensão:	<b>469 cm<sup>2</sup></b>
	Âmbito:	<b>Nacional</b>	Imagem:	<b>S/Cor</b>
	Tiragem:	<b>75000</b>	Página (s):	<b>19</b>

ra diferente de encarar a corrupção.

Escrever livros é perda de tempo. A questão agora é perceber quem são as instituições que vão obrigar o mercado, especialmente o Estado, a serem mais transparentes. É que a corrupção só se faz com a participação do sector público, que continua

a agir com pouca transparência, por exemplo, na divulgação de informações que deveriam estar acessíveis de forma regular.

Apesar da minha dedicação, sinto que não há grandes mudanças. O tema estava e está ainda muito trancado no combate através do sistema judicial, que também está caduco. Sinto,

pelo menos, que tenho conseguido dar uma imagem de independência à Capgemini. Não entramos em sistemas de contrapartidas, não temos padrinhos que nos abençoem e o que ganhamos parte do mérito. E isso é um activo pelo qual alguns estão dispostos a pagar."

*Depoimento recolhido por Raquel Almeida Correia*

# HORA H

*"Não quero que os meus filhos vivam num país em que há um fosso interminável entre os muito pobres e os muito ricos"*

**Paulo Morgado**

Administrador-delegado da Capgemini Portugal

44 anos

Licenciaturas em Gestão de

Empresas e em Direito, pela Universidade Católica Portuguesa

Antes de aceitar o convite para liderar a Capgemini, há cinco anos, ocupava a posição de vice-presidente, desde 2001. No currículo, constam ainda experiências na área financeira, enquanto subdirector do Banco Finantia, e de grande consumo, enquanto administrador

e director-geral da Vidago Melgaço e da Pedras Salgadas. Pelo caminho, publicou livros sobre técnicas de negociação e sobre corrupção.

**Capgemini Portugal**

Consultoria, tecnologia e "outsourcing"

1967 (chegou a Portugal em 1977)

30 milhões de euros

8,7 mil milhões de euros

450